

El Salvador:

Análise das principais transformações demográficas nos últimos 30 anos

Luis Felipe Aires Magalhães¹

“Não confundir, somos poetas que escrevemos desde a clandestinidade em que vivemos. Não somos, pois, cómodos e impunes anônimos: face a face estamos contra o inimigo e cavalgamos muito perto dele, na mesma pista. E ao sistema e aos homens que atacamos desde nossa poesia com nossas vidas lhes damos a oportunidade de se recolher, dia após dia...”

Roque Dalton, poeta salvadorenho morto em 1975, durante a Guerra Civil no país.

Resumo

O texto a seguir pretende analisar a repercussão demográfica de dois processos fundamentais pelos quais passou El Salvador nos últimos 30 anos: a Guerra Civil, aberta pelo confronto entre o terrorismo de Estado e a luta de libertação nacional da FMLN (Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional), e a grande e persistente emigração de salvadoreños para os Estados Unidos.

Palavras-chave: El Salvador. Migração. Demografia.

El Salvador: Análisis de los principales cambios demográficos en los últimos 30 años

Resumen

El texto que sigue pretende hacer un análisis de la repercusión demográfica de dos procesos fundamentales por los cuales ha pasado El Salvador en los últimos 30 años: la Guerra Civil, abierta por el confronto entre el terrorismo de Estado y la lucha de liberación nacional de FMLN (Frente Farabundo Martí de Liberación Nacional), y la gran y persistente emigración de salvadoreños para los Estados Unidos.

Palabras-clave: El Salvador. Migración. Demografía.

El Salvador: Analysis of the main demographic transformations in the last 30 years

Abstract

The article analysis the demographic repercussion of two processes that occurred in El Salvador in the last 30 years: the Civil War, open by the confrontation between State terrorism and the struggle for national liberation of the FMLN (Frente Farabundo Martí de Liberación Nacional), and the big and persistent emigration of Salvadorians to the United States.

Keywords: El Salvador. Migration. Demography.

¹Economista, mestrando em Demografia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e membro do Núcleo de Estudos de População. Correio eletrônico: luis_magal@hotmail.com.

Momento I: Breve discussão Metodológica sobre Demografia e Sociedade

Esta pesquisa pretende analisar a repercussão demográfica de dois processos fundamentais pelos quais passou El Salvador nos últimos 30 anos: a Guerra Civil, aberta pelo confronto entre o terrorismo de Estado e a luta de libertação nacional da FMLN (Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional), e a grande e persistente emigração de salvadorenhos para os Estados Unidos. Estes dois processos são essenciais para entendermos a realidade sociodemográfica do país hoje, mas para estudá-los é imprescindível uma análise histórica mais ampla dos seus condicionantes sociais. O que nos motiva não é buscar relações de causa e efeito promovidas pelo processo, mas sim situar a Guerra Civil salvadorenha e a grande diáspora rumo aos Estados Unidos no terreno concreto de uma sociedade em transformação. Mais que respostas, este procedimento nos coloca novas perguntas: que sociedade? Que transformação? Para avançarmos nestas questões e apontar os efeitos demográficos dos dois referidos processos, lançaremos mão de uma prévia discussão sobre a centralidade da população, a heterogeneidade da população (suas diferentes classes sociais e como elas respondem de forma distinta às variáveis demográficas, com comportamentos particulares) e a especificidade da população salvadorenha. Entendemos a análise destes pontos não como uma extravagância teórica (exercício comum na atual conjuntura da Universidade brasileira) mas como um procedimento metodológico essencial para a caracterização das repercussões demográficas da Guerra Civil e da emigração e, em especial, para o entendimento das particularidades dos dois processos. Esta tarefa, advirta-se, será realizada sob um elevado nível de abstração. Uma análise específica e aprofundada destes processos nos exigiria, certamente, um espaço que transcende ao destas páginas. Interessamos, por ora, evidenciar a importância metodológica deste procedimento. É sobre isso que nos concentraremos a seguir.

1 Centralidade da população

O elemento mais concreto de qualquer sociedade é o homem: é ele que, sob condições objetivas, produz e reproduz sua existência. Esta existência é social, pois para produzi-la e reproduzi-la o homem entra em contato com outros homens, transforma a natureza primitiva e, por via do trabalho, altera a realidade de seu entorno – e sua própria condição nela. A dimensão coletiva do homem é a população, e esta, por sua vez, condiciona o que chamamos de sociedade. O estudo de população significa não apenas a análise de seu volume, distribuição e composição, mas também de sua “base material, entendida no mais amplo sentido, não tão somente como área espacial ocupada ou a existência de recursos, mas

também a forma de organização social da comunidade” (PINTO, 1973, p. 27). Esta definição de população² permite-nos perceber a dimensão concreta de homem em coletividade e, por consequência, a população como processo. “A população como processo corporifica, em efeito, a ideia de um ser coletivo, de um sujeito histórico que *povoa*, ou seja, ocupa uma área física e se multiplica, estendendo a sua base geográfica. (...) Por sua mesma evolução semântica, o termo *população* transporta dois significados, opostos e complementares: um, estático, quantitativo, e outro, dinâmico, qualitativo, social e histórico” (PINTO, 1973, p. 29). Neste sentido, como totalidade em processo, a população é algo mais que a somatória dos homens: enquanto expressão da dialética homem – sociedade, podemos entendê-la como a forma sob a qual os homens se organizam em seu processo, estrutural e histórico, de produção social de sua existência e reprodução. População é, pois, sociedade, e qualquer forma de se buscar compreender determinada realidade nacional sem o estudo de sua população, de sua sociedade, resulta vaga e especulativa.

2 A Heterogeneidade da População

O homem, objeto da atenção demográfica, é também sujeito da transformação social – e, portanto, da dinâmica demográfica. Como vimos, o homem produz e reproduz a sua existência social sob condições objetivas, em um contexto de tempo e de espaço específicos. As condições objetivas não incidem sobre os homens de forma idêntica (como veremos na análise da Guerra Civil salvadorenha e da emigração aos Estados Unidos), e, por consequência, os homens não produzem a sua existência de uma única forma. No Modo de Produção Capitalista, os homens são divididos em razão de suas propriedades, e o acesso aos meios de produção repercute diretamente na concepção de mundo e na atuação social deles. Cindido, o gênero humano polariza-se em proprietários e não-proprietários dos meios de produção, organizando-se em classes sociais. Estas têm uma concreticidade, são observáveis na prática dos homens, desde as formas materiais mais elementares de seu nascimento, as condições gerais de sua educação, o caráter de sua colocação no mundo do trabalho, até a natureza social, econômica e biológica de sua vida idosa. A existência de classes sociais não recebe a devida atenção pela imensa maioria dos sociólogos, economistas, antropólogos etc, e isto não é diferente na Demografia, na qual os estudos sobre os condicionantes sociais dos eventos demográficos não correspondem ao pensamento dominante. No entanto, autores como Álvaro Vieira Pinto, Alberto Guerreiro Ramos, Julio Frenk, Ana Maria Goldani, Göran

²Certa e felizmente, não se trata da única definição existente de Demografia. Para aprofundamentos sobre a evolução destas definições e da própria Demografia, recomendo a leitura de CALDWELL, J. C. 1996. Demography and Social Science. **Population Studies**, 50: 305-333, e também de HAUSER, P. M. e DUNCAN, O. D. **El Estudio de la población**. CELADE, Santiago de Chile, 1975.

Therborn, Paul Singer e Orlandina de Oliveira, apenas para citar alguns, apontam de forma muito clara a grande diversidade do comportamento demográfico segundo as classes sociais. Herdeiro da concepção social e demográfica crítica de Alberto Guerreiro Ramos (inaugurada por seu ensaio de 1955 intitulado “La Sociologia de la Mortalidad Infantil”), Álvaro Vieira Pinto destaca que existe verdadeira guerra civil em torno à posse das condições e recursos materiais que possibilitam uma criança sobreviver ao primeiro ano de vida. Em outras palavras, a heterogeneidade da população repercute sobre o comportamento demográfico das classes sociais, de maneira que podemos falar não apenas de uma distribuição etária e por sexo da mortalidade, mas também de uma distribuição por classe social e por estrato de renda da mortalidade. Entender a Demografia como uma disciplina cujo objeto organiza-se sob classes sociais é de fundamental importância para uma concepção mais próxima da realidade. Escrevendo sobre a necessidade de se pensar as classes sociais na construção de uma sociologia apta à superação do subdesenvolvimento material e intelectual, Vieira Pinto postula que

a rejeição da noção de 'classe' e de seu papel na história resume, portanto, a lição suprema da sociologia alienada. Com isso, fica automaticamente trancado o rumo da desalienação do pensamento do povo subdesenvolvido que deseja empreender o projeto de libertação (a nós, que nos debruçamos aqui sobre El Salvador e seu processo de libertação nacional, esta compreensão é essencial, LFAM). Terá de fundá-lo na restituição às classes sociais antagônicas de seu exato papel, estudá-lo nas atividades, relações externas e internas que ligam os indivíduos em cada uma e separam os dois blocos na oposição inconciliável que os coloca como adversários. A importância do restabelecimento do conceito de 'classe' no centro do pensamento político consiste em que só então ganhará contornos verídicos a imagem do processo social efetuado mediante contrastes e saltos (PINTO, 2008, p. 184).

Os autores elencados acima, por sua vez, demonstram as especificidades que os eventos demográficos (não apenas a mortalidade infantil mas também a transição epidemiológica, a nupcialidade e a saúde reprodutiva, a fecundidade, a migração, a transição à vida adulta etc) apresentam segundo as classes sociais. Isto é especialmente importante para nossos objetivos pois processos sociais como a Guerra Civil e a emigração em massa também irão apresentar especificidades sociais importantes. Por ora, interessa-nos ter em mente que a população é formada por classes sociais, de forma que o entendimento da primeira passa necessariamente pelo estudo da segunda. As classes sociais, todavia, são produto do desenvolvimento histórico de suas relações de produção da existência, e é por tal razão que nos concentramos a seguir, ainda que muito brevemente, sobre o estudo da formação econômica e social de El Salvador.

3 A Formação Econômica e Social de El Salvador

A história da população salvadorenha de forma alguma começa em 1492, ano da

chegada dos espanhóis em nosso continente e da integração da América Latina ao nascente capitalismo mundial. Os índios que os espanhóis encontraram já viviam por lá há séculos – estimativas recentes apontam que o povoamento da região tenha começado, por ordem dos asiáticos que cruzaram o estreito de Bering, entre 40.000 e 100.000 atrás (SANCHEZ-ALBORNOZ, 1977). Estavam organizados em tribos reunidas pelo Império Maia, sobretudo na região norte de El Salvador. Antes que um começo, a Conquista representa sim uma ruptura: a economia de subsistência é substituída pela mineira de exportação, a organização coletiva do trabalho dá lugar ao uso da força para o trabalho compulsório, e os bens de consumo comunal passam a ser canalizados à metrópole, através de um amplo sistema, forjado à base de violência (a parteira da história) de produção de excedentes comercializáveis.³ Gradativamente, território e povo salvadorenos vão adquirindo especificidades: “Além de sua pequenez territorial (pouco mais de 21.000 quilômetros quadrados) e de não contar com uma saída ao oceano Atlântico, a nação salvadorenha se distingue de suas irmãs caribenhas por haver vivido o mais rápido processo de mestiçagem e não haver absorvido mão de obra africana para os trabalhos agrícolas” (VÁZQUEZ, IBÁÑEZ e MURGUIALDAY, 1996, p. 27).

A sociedade colonial engendrou processos econômicos e políticos históricos que condicionaram o desenvolvimento capitalista em El Salvador à vinculação subordinada à sua metrópole: de 1500 a 1821, Espanha, e deste ano em diante, Estados Unidos. Em termos muito objetivos, interessa-nos saber que este desenvolvimento capitalista é orientado pelo capital estrangeiro para a produção daqueles bens que interessam ao consumo na metrópole. Durante este período, fundamental para o estudo da formação econômica e social de El Salvador, os mecanismos de drenagem do excedente econômico da periferia pelo centro⁴ assumiram formas estritamente comerciais, embora o roubo, a pilhagem, o saqueio e a apropriação direta tenham cumprido papel fundamental para o processo de acumulação primitiva. Esta acumulação originária foi de vital importância para o desenvolvimento de processos como a configuração da divisão internacional do trabalho tal qual a conhecemos hoje, a formação dos Estados na periferia do sistema com sua institucionalidade capitalista e, principalmente, a formação da grande indústria moderna, ou seja, a Revolução Industrial.

Forjada ao calor da expansão comercial promovida, no século XVI, pelo capitalismo nascente, a América Latina se desenvolve em estreita consonância com a dinâmica do

3 Não nos cabe aqui resgatar a formação da sociedade colonial, sua ruptura da civilização autóctone e suas influências sobre o capitalismo contemporâneo. Para tal, recomendamos a leitura de BAGÚ, Sérgio. **Economia de la Sociedad Colonial**. Buenos Aires: El Ateneo, 1949. 300p.

4 O conceito de excedente econômico teoriza sobre a apropriação da mais-valia social por grupos restritos do Estado e do capitalismo internacional. Sua abordagem inicial foi proposta por Paul Barán, nos livros BARAN, Paul. **A Economia Política do Desenvolvimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1964. 391p. e BARAN, P.; SWEEZY, P. **Capitalismo Monopolista**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966. 384p.

capital internacional. Colônia produtora de metais preciosos e de gêneros exóticos, num primeiro momento contribuiu para o aumento do fluxo de mercadorias e para a expansão dos meios de pagamento que, ao mesmo tempo que permitiam o desenvolvimento do capital comercial e bancário na Europa, sustentaram o sistema manufatureiro europeu e abriram o caminho para a criação da grande indústria (MARINI, 2000, p. 107 e 108).

Mais que provedora de matérias-primas, El Salvador será também “convidada” a participar do sistema capitalista mundial importando bens e serviços da metrópole, e também tecnologia, esta sempre obsoleta à utilizada no centro do sistema. Orientada para fora, a economia salvadorenha perde autonomia a medida que sua produção, quase inteiramente exportada, não necessita do consumo dos trabalhadores salvadorenhos para ser realizada. Em outras palavras, o capitalismo salvadorenho caracteriza-se por ter seu ciclo de acumulação de capital efetivado na metrópole, fora de El Salvador. Este processo engendra uma estrutural transferência de valor que condiciona a formação econômica e social de El Salvador como dependente. Esta dependência manifesta-se muito claramente quando analisamos a população salvadorenha: a concentração de renda, a estrutura agrária latifundiária e a enorme desigualdade social⁵, bem como a concentração urbana, o escasso mercado interno, a pauperização de grande parte de sua população e um Estado mais a serviço das empresas estrangeiras que de seu povo. Todas estas características reúnem-se entorno a uma superexploração da força de trabalho nesta formação dependente. Esta superexploração da força de trabalho⁶ é o mecanismo utilizado pelas classes dominantes de El Salvador para, frente às condições adversas da transferência de valor, compensar as perdas que sofrem estruturalmente no comércio internacional. Tal mecanismo repercute decisivamente sobre as condições gerais de vida do trabalhador salvadorenho, intensificando uma realidade nacional marcada pela desigualdade e pela pobreza. A manutenção de tal regime, favorável ao capital estrangeiro e às elites dominantes do país, requer necessariamente de um controle militar da vida civil, da intelectualidade e dos partidos políticos.

Em resumo, desde o início dos anos 30 até princípios dos 80, o poder executivo sempre esteve nas mãos de militares que chegaram a ele por processos eleitorais fraudulentos ou por golpes de Estado. Incorporando poder político, recebendo benesses pelos serviços prestados aos fazendeiros e investidores estrangeiros, os militares acumularam poder econômico e conformaram uma casta política que evitou à oligarquia o trabalho de formar o seu próprio partido. Eles foram os principais responsáveis pela violência política sofrida pela sociedade salvadorenha durante o presente século e o saldo de sua atuação é aterrador: seis golpes de Estado (1931, 1944, 1948, 1960, 1972 e 1979) e dois levantamentos populares (1932 e 1944) acompanhados de brutal repressão aos insurgentes (VÁZQUEZ, IBÁÑEZ e MURGUIALDAY, 1996, p. 37).

5 Uma das maiores e mais simbólica expressão desta desigualdade é o fato de, durante toda a história salvadorenha entre a Independência e a Guerra Civil, o país tenha sido completamente controlado por 14 famílias da oligarquia rural. Este grupo de famílias é conhecido como Los Catorze.

6 Para um entendimento mais profundo desta categoria no sentido em que a empregamos aqui, é indispensável a leitura de MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da Dependência**. Petrópolis: Editora Vozes/CLACSO. 2000.

À violência da dominação econômica, soma-se esta da dominação político-militar. Não tardaria muito para o povo salvadorenho insurgir-se em um movimento organizado de luta pela transformação econômica e política do país, através da forma geral que caracterizou os movimentos de insurgência na América Latina nos anos 1960 e 1970: a luta armada. Entramos, então, em nosso primeiro processo de transformação demográfica.

Momento 2: A Guerra Civil Salvadorenha

Ao longo dos anos 1950 e 1960, o desenvolvimento do processo salvadorenho de industrialização via substituição de importações ocasionou a intensificação da urbanização, formando uma classe operária mais volumosa, concentrada sobretudo em San Salvador, capital do país. Estes operários vieram somar-se a uma classe de trabalhadores assalariados com crescente importância econômica mas escassas possibilidades de representação política. As constantes fraudes eleitorais e o domínio político exercido pelas Forças Armadas (a serviço da oligarquia exportadora e das 14 famílias que controlavam historicamente o país) retiravam do jogo eleitoral qualquer possibilidade de transformação econômica e social em El Salvador. Por outro lado, a experiência exitosa da Revolução Cubana evidenciava a importância de um combate frontal no elo mais frágil do sistema de dominação nacional: a luta no campo contra as forças do Governo e a conquista de posições (cidades, povoados, fábricas etc) até a tomada final do poder na capital. Esta estratégia foquista influenciou, em maior ou menor medida, a luta política não apenas nos países caribenhos (Guatemala, Nicarágua, Honduras), mas também na América do Sul (Venezuela, Colômbia, Brasil, Bolívia, Perú e Uruguai), não deixando de estar presente também em El Salvador⁷. A organização político-militar em El Salvador germinou-se em um contexto social e econômico de crise do capitalismo dependente.

Em 1979, segundo informes do Banco Central de Reserva de El Salvador, o PIB entra em franco decréscimo. O investimento privado é freado e, em contrapartida, cresce a descapitalização. Fortes somas saem para o exterior. As reservas internacionais tocam fundo. A crise estrutural crônica, acentuada pela crise mundial do capitalismo, incide sobre os elos do aparato de dominação e da luta de classes, o que reverte num aprofundamento da crise econômica, orientando a formação social inteira no rumo da *crise total* do sistema. Entrou assim em colapso o sistema capitalista salvadorenho, caracterizado sempre pela ausência absoluta de uma política de redistribuição, pela super-exploração da força de trabalho, pela marginalização plena de amplas massas de trabalhadores, pela concentração crescente da riqueza produzida em mãos das famílias oligárquicas e empresas transnacionais, pela desnacionalização econômica do país e pelas consequentes condições subumanas do povo (VALIENTE, 1990, p. 159-160).

⁷ Por todo o mundo mas em especial na América Latina, espalhou-se a estratégia foquista de luta de libertação nacional presente em DEBRAY, Régis. *Revolução na Revolução*. São Paulo: Centro Editorial Latino-Americano, 197?. 110p.

Esta conjuntura socioeconômica repercute diretamente no nível de consciência das classes trabalhadoras, levando-as a se identificar com os programas de transformação social e econômica propostos pelos movimentos e partidos de esquerda. A mensagem dos insurgentes nunca foi, portanto, algo estranho às principais carências populares em El Salvador. Esta identificação é também elemento explicativo do apoio dado pela população salvadorenha (sobretudo a rural) aos guerrilheiros. Este processo de conscientização e identificação sofreu uma tentativa de obstaculização através do golpe militar de 15 de Outubro de 1979, mas tal intento fracassa, dado que a união entre os guerrilheiros e a população rural já estava em etapa avançada. Mas quem eram estes guerrilheiros? Como se organizaram na luta pela libertação nacional de El Salvador? Quais são, brevemente, as condições gerais da situação de Guerra Civil no país?

Em El Salvador, desenvolveram-se, nos anos 1970, cinco grandes forças insurgentes de luta armada pelo poder:

Em 1970, havia surgido as Forças Populares de Libertação (FPL), criadas por um grupo de trabalhadores e estudantes dissidentes do Partido Comunista; em 1971, nasceu o Exército Revolucionário do Povo (ERP) da fusão de jovens radicalizados provenientes do Partido Comunista, do Partido Democrata Cristão e da pequena burguesia. Em 1973-74, uma fração do ERP se distinguiu ao enfatizar o trabalho de massas e se separaria definitivamente do ERP em 1975 à raiz do assassinato do poeta Roque Dalton, dando lugar a uma nova organização: a Resistência Nacional (RN). O Partido Revolucionário dos Trabalhadores Centro-Americanos (PRTC) foi criado em 1976, tem a maioria de seus membros com origem na ERP. Estas quatro organizações político-militares e o Partido Comunista – que adota em 1979 a linha da luta armada – formam em Outubro de 1980 a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN) (VÁZQUEZ, IBÁÑEZ e MURGUIALDAY, 1996, p. 33).

Já em 1980, é criada, como estratégia de aproximar os grupos guerrilheiros da população residente na capital do país, a Coordenação Revolucionária das Massas (CRM), responsável pela organização de grandes atos e paralisações nacionais, e a Frente Democrática Revolucionária (FDR), visando esta aglutinar setores importantes como professores, federações sindicais, padres progressistas da Teologia da Libertação e trabalhadores descontentes.

Organizado militarmente para a luta armada no campo, a FMLN sobreviveu ao longo de toda a década de 1980 não obstante uma enorme desvantagem bélica e numérica de seu exército em relação ao exército do governo (um governo que conquista o poder via golpe militar e conta desde cedo com a ajuda econômica, política e militar dos Estados Unidos). Enquanto a FMLN contava, ao início da década de 1980, com 3.500 guerrilheiros relativamente pouco armados e com uma precária estrutura de formação e treinamento militar, o exército oficial possuía 17.000 homens, dos quais 7.000 integravam, como paramilitares, os grupos de extermínio criados ao final da década de 1970, além, é claro, das ajudas norte-

americanas. Para tentar conter a organização popular em busca de libertação, o governo salvadorenho, contando com suas forças armadas e a ajuda financeira total de US\$4,35 bilhões dos Estados Unidos, organizou milícias paramilitares de extermínio dos insurgentes. A ordem repressiva, construída a partir de uma articulação entre a burguesia salvadorenha, o Estado e a presença norte-americana no país, estruturou um terrorismo de Estado no qual “atuaram livremente as forças paramilitares: primeiro os temidos 'esquadrões da morte', que realizavam assassinatos seletivos, e depois a Brigada Atlacatl, tropas especiais que se formaram em 1981, constituídas por especialistas em contrainsurgência e equipadas pelos Estados Unidos, que realizaram extermínios massivos” (GALLEGO, EGGERS-BRASS, LOZANO, 2006, p. 380). Em um conjuntura em que guerrilheiros e a população rural formavam um só sujeito revolucionário orgânico, a contraofensiva contra os guerrilheiros atingiu, indiscriminadamente, a toda a população rural, com métodos de destruição das comunidades expressivas de um terrorismo de Estado no país.

A continuidade da Guerra Civil na década de 1980 sob condições militares tão desiguais evidencia uma característica importante da FMLN: embora em posição de desvantagem, ela contou desde seu início com o apoio (logístico, alimentar e ideológico) da grande maioria da população salvadorenha, sobretudo no campo. Não fosse por este apoio, e a própria absorção dos guerrilheiros nas comunidades, o FMLN seria desmontado rapidamente pelo exército salvadorenho. Pelo contrário: já em 1980, com a conquista de cidades importantes pelo FMLN e constantes baixas no exército oficial, os dois lados da Guerra Civil sabiam que tal confronto assumiria a forma de uma guerra de baixa intensidade, interferindo diretamente na vida social, econômica e política do país, e, como acabou acontecendo, sem a possibilidade de rendição de uma das partes.

A crescente organização da FMLN, seu apoio nas massas rurais, sua repercussão internacional favorável, e a possibilidade, enfim, de em El Salvador os guerrilheiros lograrem, tal como em Cuba e na Nicarágua, a tomada do poder político nacional, foram fatores centrais que levaram a uma resposta crescentemente brutal por parte dos governos salvadorenhos. Na década de 1980, sucederam-se na presidência as Forças Armadas, a Democracia Cristã e a ARENA (também lá a direita organizou-se sob este nome). O fato de serem partidos e forças políticas diferentes não nega os interesses comuns que defendiam, e o recurso imediato aos grupos de extermínio para a prisão, tortura e assassinato não apenas dos integrantes da FMLN mas de todos aqueles que dessem qualquer indício de apoio à guerrilha. Comunidades inteiras foram dizimadas ao longo dos anos 1980 pelos grupos paramilitares. A presença de militares especializados em táticas de destruição de comunidades rurais engendra um verdadeiro terrorismo de Estado em El Salvador. A revista *Cadernos do Terceiro Mundo* publicou, em

1984, um volume inteiramente dedicado à denúncia destes ataques às comunidades rurais em El Salvador. “A estratégia do exército é destruir tudo aquilo que é considerado apoio logístico para a guerrilha. Assim, não houve nenhum escrúpulo em bombardear, matar ou aterrorizar a população civil. Por isso, nas zonas controladas pela guerrilha, a população civil é quase sempre nômade, fugindo constantemente das agressões do exército, com a ajuda da FMLN” (CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO, n. 73, p. 36).

Desde os gérmenes da FMLN, a possibilidade de uma negociação nunca fora descartada. Embora a Guerra Civil num contexto de luta armada no campo com a população a seu lado tenha, em muitos momentos da década de 1980, mostrado a possibilidade real de a FMLN atacar e destruir progressivamente as forças do governo, a conjuntura internacional desfavorável e a atuação do imperialismo norte-americano deslocaram a luta para o campo da negociação. Em outras palavras, o que nascera como intento de Revolução ganha contornos de Reforma à medida em que o desgastes, as perdas de guerra e a dificuldade de se avançar nas conquistas avolumam-se. A historiografia das primeiras conversas entre a FMLN, os organismos internacionais de direitos humanos e as forças do governo merecem um espaço e uma profundidade que não podemos dispender aqui⁸, mas convém reter, por ora, que a FMLN via a negociação como um mecanismo coletivo, público, de transformação das estruturas econômicas, políticas e, sobretudo, militares e judiciais – com a exigência de uma reestruturação da Corte Suprema de Justiça e do “reconhecimento de um só exército nacional e sua redução gradual ao tamanho estritamente necessário para a defesa da soberania nacional” (EL GALLO ILUSTRADO, n. 1442, p. 7), e o fim, portanto, dos grupos de extermínio. O governo e as forças imperialistas presentes no país, por sua vez, viam a negociação como um negócio a ser feito a portas fechadas, sem a garantia da punição aos integrantes de grupos de extermínio e sem o debate público sobre a Justiça e as Forças Armadas: “o organismo desenvolverá seu trabalho de forma totalmente reservada”, dizia no art. 4 das “Regras de Constituição e Funcionamento do Organismo Misto de Trabalho do Governo da República e do FMLN Para a Paz em El Salvador”. Com o fim da guerrilha, a FMLN foi habilidosa em promover, juntamente à ONU e à OEA, uma reforma estrutural nas forças armadas salvadorenhas. Assim, em 1992, reduziu-se o tamanho das Forças Armadas do país, bem como seu treinamento deixou de ser realizado por forças norte-americanas. Foi suprimida ainda a Polícia Nacional e a Guarda Nacional, que tiveram um importante papel no terrorismo de Estado dos anos 1980.

A Guerra Civil deixara, no entanto, um saldo de 75.000 mortos e entre 30.000 e 40.000

⁸ Para tal, recomendo a leitura de RAMOS, Irene Sanchez. *El Proceso de diálogo-negociación en El Salvador*. El Gallo Ilustrado, n. 1422, setembro de 1989.

desaparecidos, na imensa maioria camponeses, trabalhadores e estudantes. Somente no primeiro ano da Guerra Civil, foram 13.000 mortos. Esse quadro de Guerra Civil repercute sobre as condições gerais de vida da população, e, por consequência, sobre a demografia salvadorenha. Apenas para adiantar algumas repercussões, o agravamento das condições econômicas pela dedicação do Estado ao extermínio explica em grande medida o aumento da mortalidade infantil, nestes anos, de 59,5 (1980) para 77 (1990) mortos por mil nascidos vivos (SUE-MONTGOMERY e WADE, 2002). Explica também que, pelo fato de este extermínio concentrar-se no meio rural, as migrações internas para a capital San Salvador tenham se elevado de 40% para 48%. Não seria nenhum exagero considerarmos que a Guerra Civil em El Salvador retirou 100.000 pessoas de uma população que, à época, era da ordem de 5 milhões de habitantes. Ou seja, 2% da população salvadorenha foi eliminada pela Guerra Civil. Somente este número já nos indicaria uma repercussão demográfica muito clara: a diminuição da população e a alteração na pirâmide demográfica em El Salvador. Não podemos, no entanto, nos situar apenas no plano das aparências: grande parte destes 100.000 eram homens e mulheres em idade reprodutiva, de modo que, além deste impacto inicial, há também uma repercussão sobre a dinâmica demográfica do país, sua estrutura etária e por sexo (dado que homens e mulheres participaram de forma distinta deste processo, como veremos adiante), a esperança de vida e a razão de sexo de sua população.

Momento 3: A emigração salvadorenha aos Estados Unidos

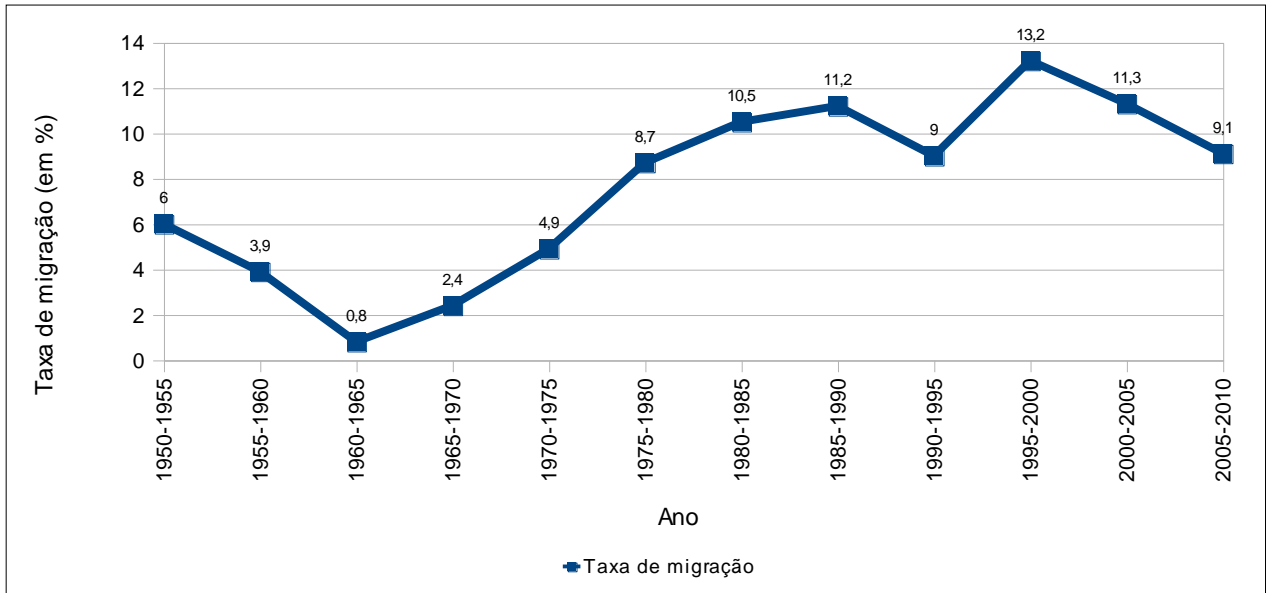
Este trabalho, como já fora definido nas linhas iniciais, concentra-se também sobre as repercussões demográficas de um outro processo pelo qual tem passado a população de El Salvador nos últimos 30 anos, qual seja, a ampla emigração rumo aos Estados Unidos. Estudar migrações (neste caso, migrações internacionais) é tarefa de fundamental importância para o conhecimento da realidade social e demográfica de qualquer população, e nos exige certa dose de clareza teórica sobre os condicionantes migratórios. Não é nossa preocupação nestas páginas aprofundarmo-nos em uma teoria das migrações salvadorenhas. Ainda que este esforço seja importante, interessa-nos por ora situar o processo emigratório no terreno concreto do capitalismo dependente de El Salvador. Neste sentido, migrar é um evento demográfico individual, embora condicionado historicamente e estruturalmente por este capitalismo dependente. O mesmo capitalismo dependente que engendra, como vimos, as condições objetivas da luta armada e da Guerra Civil na década de 1980, irá produzir, com o agravamento de sua crise econômica, o processo emigratório das décadas de 1990 e 2000. Neste sentido, Guerra Civil e emigração não são processos que ocorrem em separado, dado

que possuem elementos condicionantes em comum – o que não anula a especificidade de cada processo.

A repercussão demográfica geral da guerra se dá sobre todos os setores sociais, embora de forma desigual. Os mais ricos preocupam-se com sua segurança, e protegem-se com guardas pessoais, fortalezas contra ataques e reservas monetárias no exterior. Os mais pobres que não estão no campo de batalha, pouco ou nada podem fazer para defender-se. Para estes, a guerra “queria dizer partir o tempo todo, em geral como refugiados, para o exílio por toda a América Central, ou para o México, Estados Unidos e Canadá” (SUE-MONTGOMERY e WADE, 2002, p. 86). Ao todo, 1 milhão de cidadãos salvadorenos deixaram o país durante os anos da guerra (SUE-MONTGOMERY e WADE, 2002), em fuga da repressão do Estado sobre as comunidades. Este número (que, logicamente, não pode ser visto apenas como número) representa 20% da população salvadorenha do período. Trata-se de um contingente populacional que não encontra aquela possibilidade debatida nas páginas iniciais deste trabalho: a de produzir e reproduzir sua existência com o mínimo de acesso a bens e serviços. O capitalismo dependente, que obstaculiza a integração das classes trabalhadoras ao consumo, condiciona uma extensa parcela de sua população a sair do país e ir buscar as condições de sua existência social em outras formações econômicas. Poderíamos, na terminologia clássica do tema, nos referir a um imenso fator socioeconômico de repulsão, motor do processo migratório.

A especificidade do fenômeno migratório parece aprofundar-se à medida em que percebemos que a emigração massiva dos salvadorenos já existia antes da Guerra Civil, permanece ao longo da década de 1980, e atinge seus patamares mais elevados depois da Guerra Civil. Vejamos melhor esta dinâmica no gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Evolução da taxa de migração da população de El Salvador (em %, de 1950 a 2010)



Fonte: ONU, 2010.

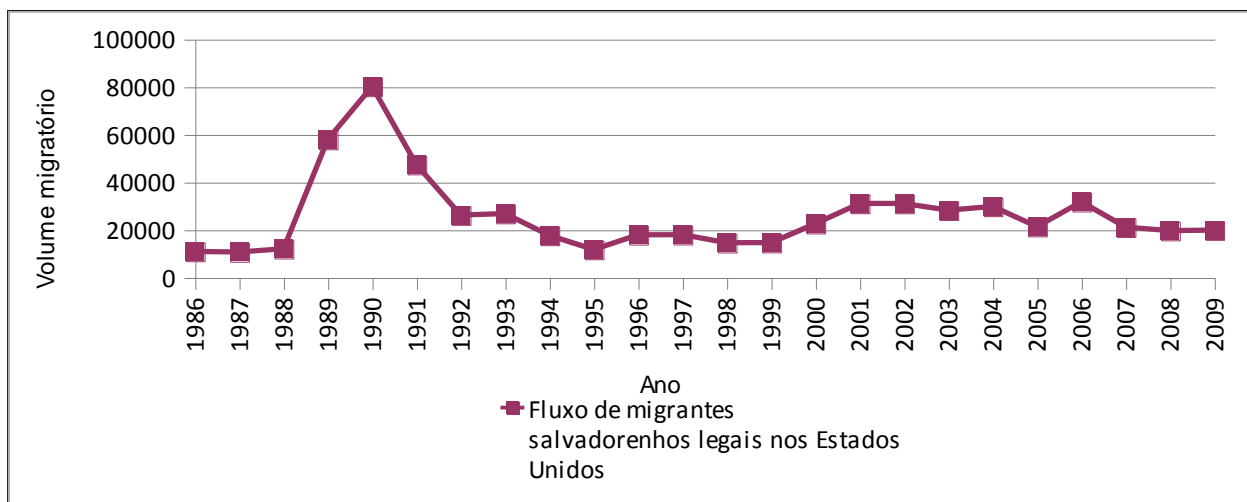
A taxa de migração⁹ de El Salvador (cabe indicar que todos os valores do gráfico são, na verdade, negativos, dado que os saldos migratórios são negativos em El Salvador no período, ou seja, a emigração é superior à imigração no país; utilizamos valores modulares apenas para facilitar a exposição) já vinha de trajetória ascendente desde 1960, sendo a migração de durante a Guerra Civil apenas uma parte deste movimento geral. Uma parte que, embora tenha contribuído para o aprofundamento do processo emigratório, não corresponde exatamente ao momento em que este processo atingiu seus patamares mais elevados. É ao longo dos anos 1990 que a emigração se define com um fenômeno massivo em El Salvador, passando a chamar a atenção de demógrafos, geógrafos e economistas. Referindo-se já aos anos 1990 e ao programa neo-liberal de ajuste estrutural da economia salvadorenha, as autoras de “Mujeres-Montaña: Vivencias de guerrilleras y colaboradoras del FMLN” defendem que

A asfixia econômica no campo tem aumentado as migrações tanto internas como externas, especialmente aos Estados Unidos, o que tem provocado um enorme aumento do setor informal (mais de 60% da população economicamente ativa nas cidades se encontra na economia informal) e uma dependência cada vez maior do fluxo de dólares sob a forma de remessas familiares: em 1993, as remessas financiaram 60% das importações. A dependência dos recursos externos impossibilita a reprodução da atividade econômica a longo prazo e constitui um fator de fragilidade da economia nacional” (VÁZQUEZ, IBÁÑEZ e MURGUIALDAY, 1996, p. 53).

Ao longo de todo os anos 1990 e até os dias atuais, a migração de salvadorenhos aos Estados Unidos tem atingido patamares importantes de volume, se constituindo, conforme explicitam os gráficos abaixo, em um importante fluxo migratório do atual cenário demográfico mundial:

Gráfico 2 – Migração legal de salvadorenhos aos Estados Unidos (1986 - 2009)

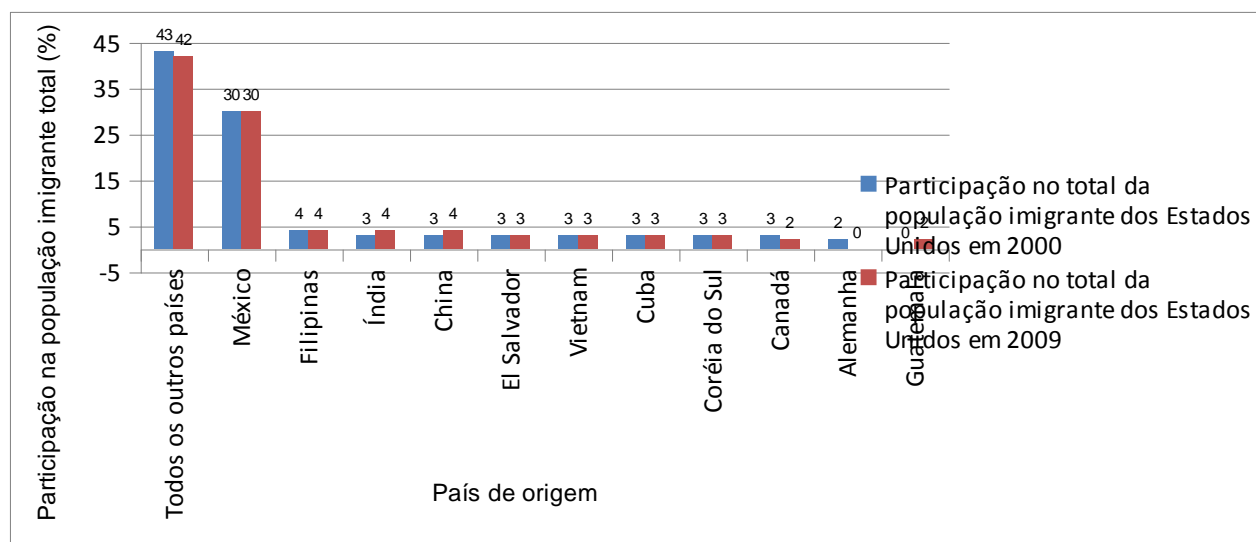
⁹ Calculada através da divisão do saldo migratório pela população total do país.



Fonte: EUA, 2010.

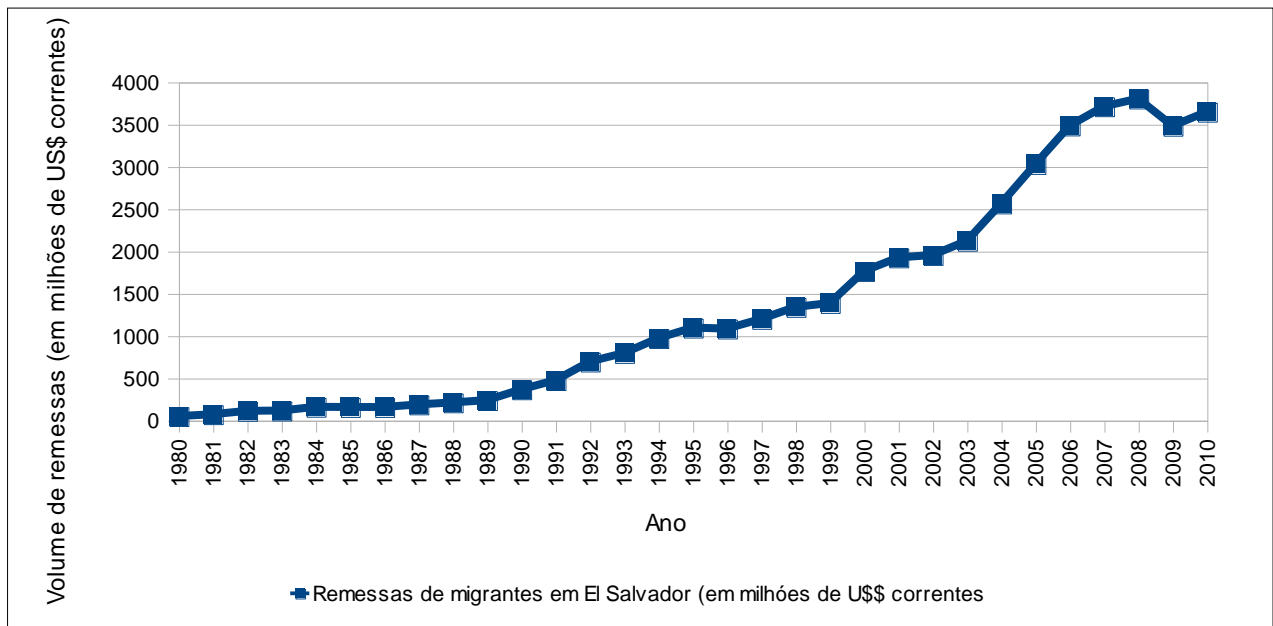
Como referido acima, este fluxo já se constitui em um dos mais volumosos processos migratórios rumo aos Estados Unidos. O gráfico abaixo permite analisar a participação dos emigrantes de El Salvador (um país menor que o menor Estado do Brasil, Sergipe, e com população atual que não atinge 6,2 milhões de pessoas) no total dos imigrantes residentes nos Estados Unidos:

Gráfico 3 – Origem da população imigrante dos Estados Unidos em 2000 e 2009 (em %)



Fonte: EUA, 2010.

Atualmente, residem, segundo dados do FactBook das Nações Unidas sobre Migrações, 1 milhão e 600 mil migrantes salvadoreños nos Estados Unidos (25,8% dos salvadoreños residentes em El Salvador). Estes migrantes enviam a seus familiares nos países de origem substanciais remessas, as quais são essenciais para o consumo corrente das famílias e, portanto, também para a economia salvadoreña.

Gráfico 4 – Remessas de migrantes para El Salvador (1980 - 2010)

Fonte: UNCTAD, 2011.

Estes recursos são essenciais para a manutenção de um nível mínimo de importações, e atuam também sobre o equilíbrio do Balanço de Pagamentos, algo importante em um país endividado como El Salvador. O nível de dependência das remessas é de tal forma elevado que “se, por alguma razão, essas remessas (...) cessarem da noite para o dia, El Salvador se tornará um caso perdido do ponto de vista econômico, carecendo de toda ajuda possível, como seu vizinho ao sul, a Nicarágua” (SUE-MONTGOMERY e WADE, 2002, p. 138-139).

Momento 4: Repercussões Demográficas da Guerra Civil e da Emigração Salvadorenhas

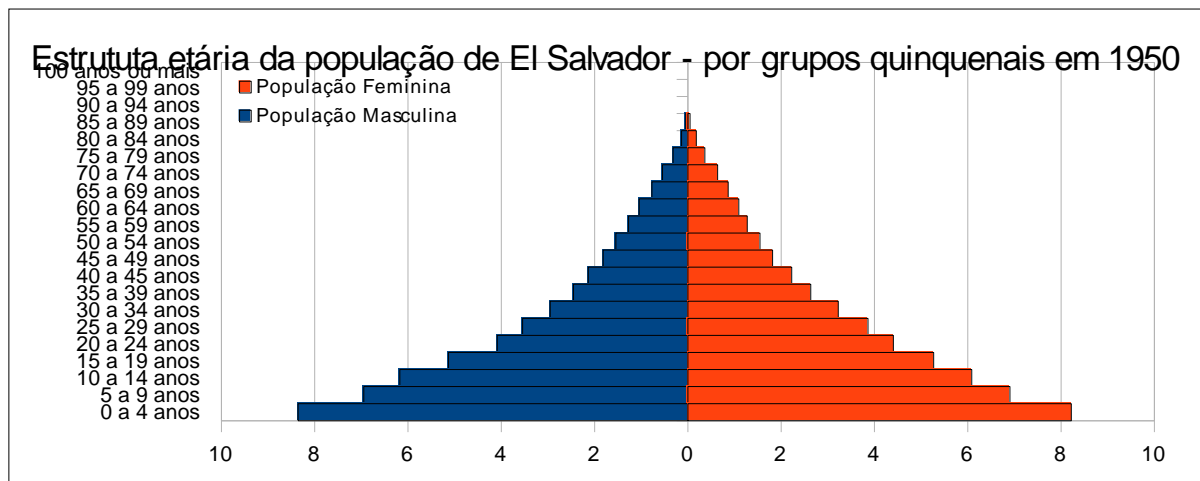
Neste momento final, que poderíamos chamar de conclusões, de nossa investigação, buscaremos explicitar as repercussões demográficas da Guerra Civil e do processo de Emigração salvadorenhas. A Demografia, como vimos, é uma totalidade, de modo que se faz necessário eleger alguns aspectos fundamentais desta repercussão: optamos, então, pela estrutura etária, razão de sexo e esperança de vida ao nascer.

i) Estrutura Etária

A morte ou o desaparecimento de um total de 100.000 salvadorenhas e a emigração massiva de salvadorenhas desde os anos 1980 até os dias atuais, perfazendo um dos principais

fluxos migratórios do mundo contemporâneo, é razão suficiente para alterações do volume e da estrutura etária da população salvadoreña. Do volume, pois mortes, desaparecimento e emigração são movimentos de saída da população, alteram a quantidade de pessoas que vive na população. Da estrutura, pois mortes, desaparecimento e emigração concentram-se nas idades reprodutivas e alteram a proporção dos diferentes grupos etários em relação à população total. As pirâmides etárias sintetizam estas transformações:

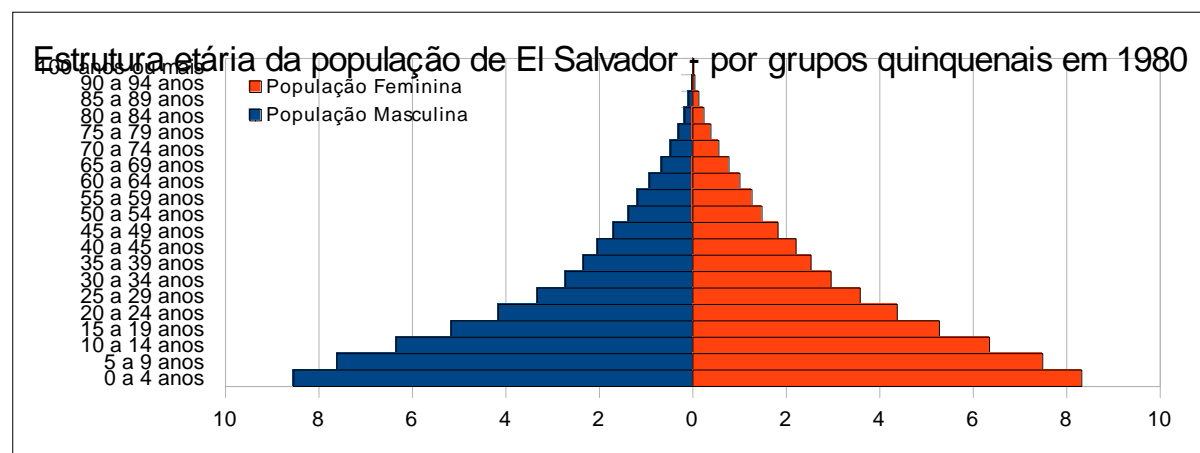
Gráfico 5 – Estrutura etária da população de El Salvador por grupos quinquenais em



1950

Fonte: ONU, 2011.

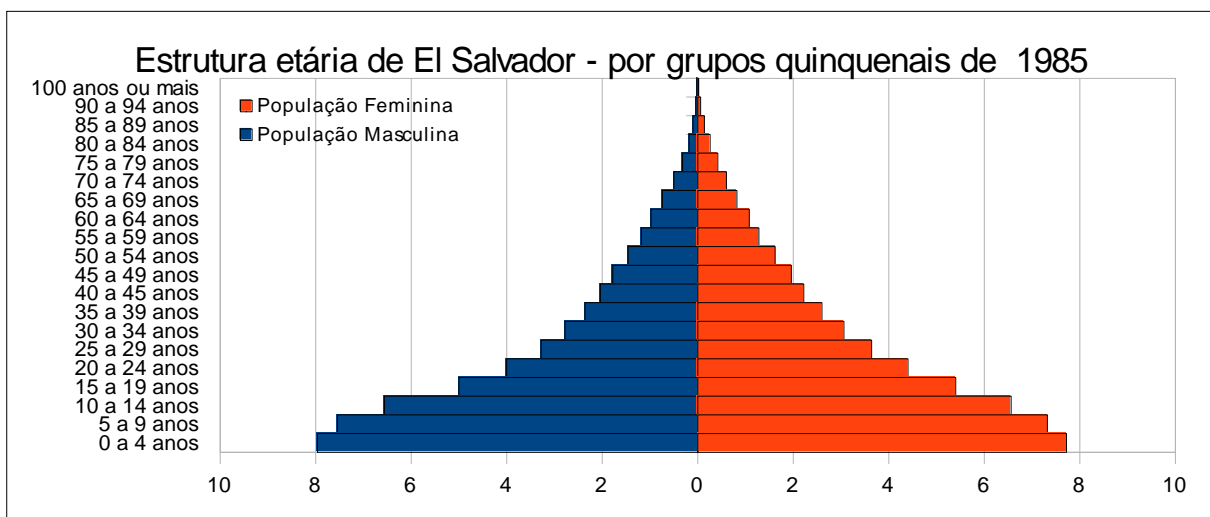
Gráfico 6 – Estrutura etária da população de El Salvador por grupos quinquenais em



1980

Fonte: ONU, 2011.

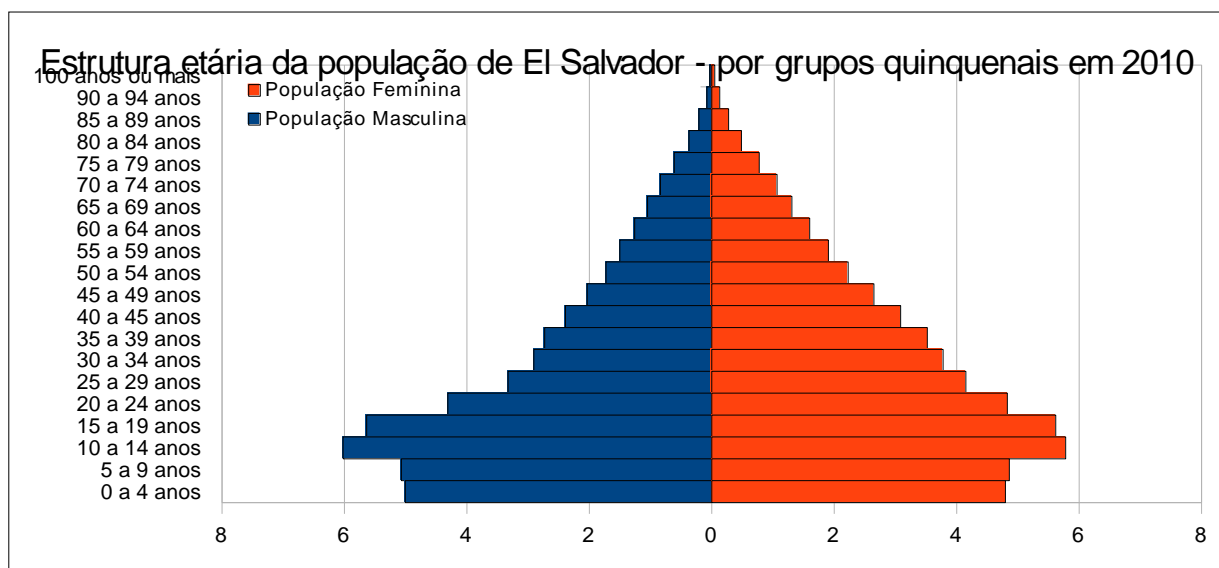
Gráfico 7 – Estrutura etária da população de El Salvador por grupos quinquenais em



1985

Fonte: ONU, 2011.

Gráfico 8 – Estrutura etária da população de El Salvador por grupos quinquenais em



2010

Fonte: ONU, 2011.

A análise da evolução histórica dos histogramas da população de El Salvador nos permite três conclusões básicas. As duas primeiras são diretas, auferidas da simples avaliação das pirâmides. Nota-se, primeiramente, haver um processo de afinamento nas idades adultas e jovens. Este processo se traduz em pirâmides mais “afiadas”, com o meio mais estreito, e

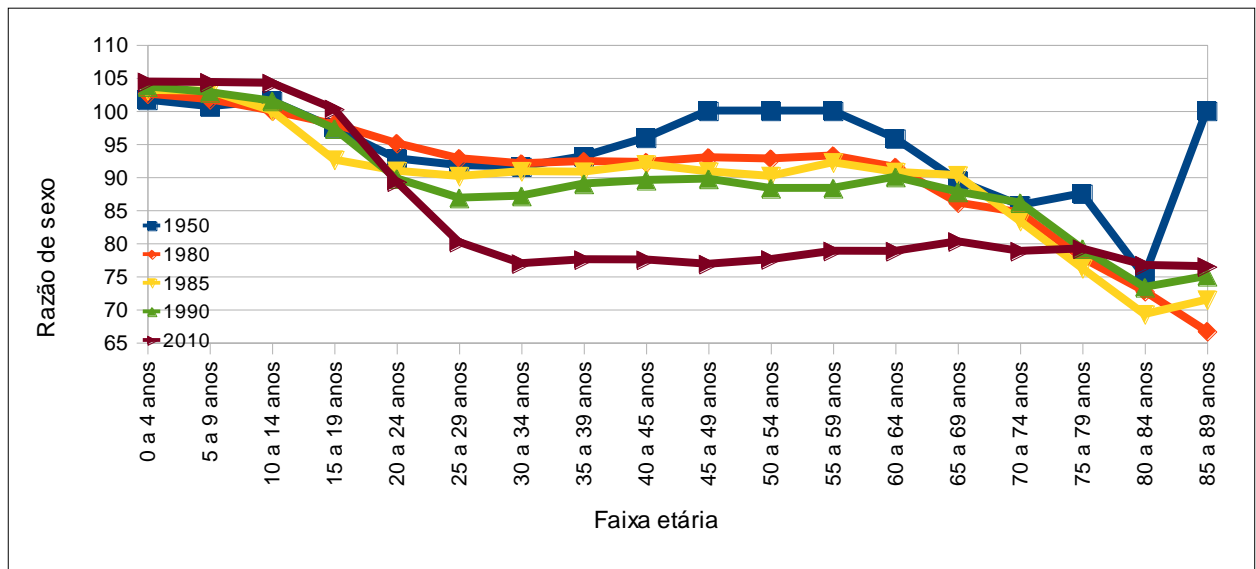
denota, demograficamente, que a população destas idades intermediárias está perdendo participação relativa na população total. Este processo é observado sobretudo a partir de 1980, mas é em 1990 que ele se faz mais nítido: é neste período em que aparecem as primeiras grandes “entradas” nas pirâmides, em especial nos grupos quinquenais de 15 a 29 anos – indicando o quanto os processos incidiram sobre a população dos grupos etários jovens. Este ponto nos leva a uma segunda conclusão, qual seja, a de que a população de El Salvador passa, até 2010, por um processo de perda da participação relativa da população adulta como um todo. Este processo é interrompido somente em 2010, quando a pirâmide começa a apresentar um envelhecimento via encurtamento da base. Auferimos daí uma terceira conclusão: as menores magnitudes da população em idade reprodutiva em El Salvador para os anos de 1980, 1985 e 1990, têm como resultado, já em 2010, menores natalidades e diminuição da população compreendida entre 0 a 9 anos. Este efeito, que se dá em decorrência da inércia demográfica e somente é percebido a partir de análises transversais, reflete na verdade o movimento para futuras gerações criado por uma população em idade reprodutiva menor. O conceito de inércia demográfica expressa esta dinâmica de repercussões futuras de um grupo etário sobre os demais.

Além das repercussões no que tange à estrutura etária, podemos perceber ainda mudanças na estrutura de sexo da população salvadorenha, como veremos a seguir.

ii) Razão de Sexo

A razão de sexo é o resultado do quociente entre a população masculina e a população feminina de determinado grupo etário em um determinado período. Esta divisão é multiplicada por 100, de modo que a razão de sexo oscila entre um número superior a 100 (mais homens que mulheres), inferior a 100 (mais mulheres que homens) ou igual a 100 (mesmo número de homens e mulheres). A razão de sexo de determinado grupo etário é um bom indicador das diferenças quantitativas de sexo presentes nos processos sociais. O gráfico abaixo permite avaliar, para os mesmos anos de 1950, 1980, 1985, 1990 e 2010, a razão de sexo por grupo etário da população salvadorenha:

Gráfico 9 – Comparativo da Razão de Sexo por grupos quinquenais para diferentes períodos em El Salvador



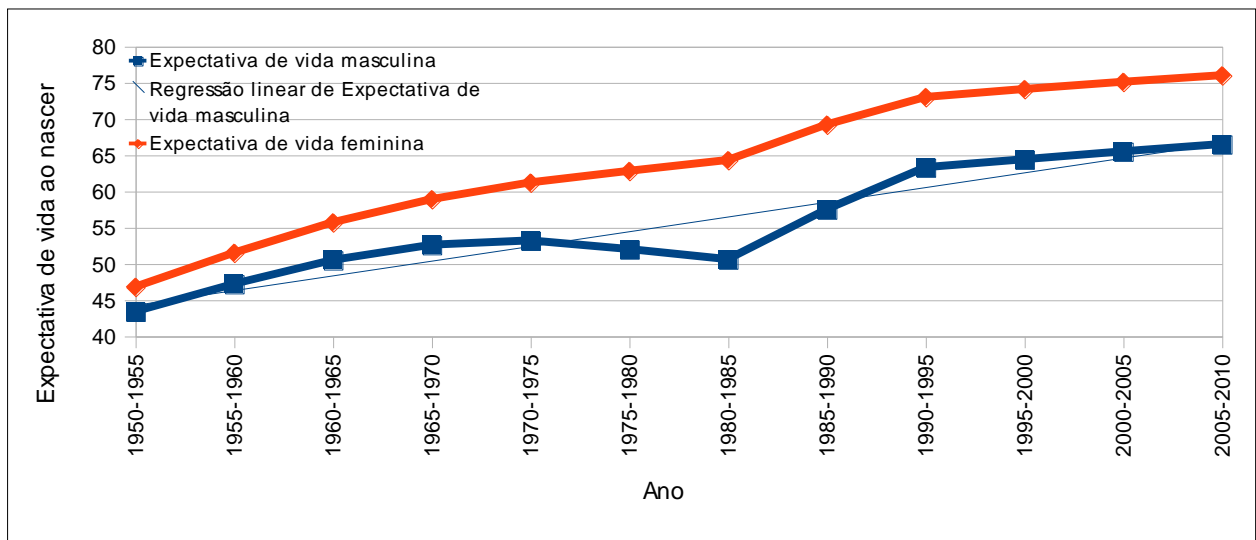
Fonte: ONU, 2011.

Podemos observar, com o recurso do gráfico acima, que, entre 1950 e 2010, a população masculina diminuiu, sobretudo naquelas coortes que, entre 1980 e 1989 estavam na idade mais susceptível aos óbitos por mortes externas, em decorrência da guerra, e ao processo emigratório. Esta dinâmica explica o “buraco” na razão de sexo de 2010 nas idades 20 a 24 anos em diante. O que este “buraco” expressa, reforçamos, é a exposição às mortes causadas pela Guerra Civil durante os anos 80 e a diminuição da população masculina em virtude de emigração. É nestes processos que têm origem a menor razão de sexo existente até hoje em El Salvador, ou seja, o fato de a população feminina de grupos etários específicos (entre 20 e 79 anos) ser substancialmente maior que a população masculina destes mesmos grupos etários.

iii) Esperança de Vida ao Nascer

Não somente a participação relativa dos homens diminuiu, como também a sua esperança de vida ao nascer. Nos anos da Guerra Civil há, como veremos no gráfico seguinte, uma diminuição da esperança de vida ao nascer da população masculina, decorrente sobretudo de sua maior exposição à violência da Guerra Civil.

Gráfico 10 – Expectativa de vida ao nascer segundo sexo em El Salvador (1950 - 2010)



Fonte: ONU, 2011.

Mais uma vez, nos deparamos com um “buraco”: a expectativa de vida ao nascer masculina cai acentuadamente durante os anos da Guerra Civil, interrompendo uma tendência que já se verificava antes dos anos da Guerra Civil e que volta a se verificar depois dela. Para melhor visualizarmos este “buraco”, traçamos uma linha de tendência: os anos em que a expectativa de vida ao nascer dos homens situa-se abaixo desta linha são justamente os anos de Guerra Civil em El Salvador.

Ao mesmo tempo, a expectativa de vida ao nascer das mulheres segue sua trajetória histórica de elevação. Esta diferença pode nos levar a um equívoco. O fato de a população masculina ter sido mais afetada pelas mortes externas causadas pela Guerra Civil (algo que concluímos a partir dos itens i, ii e iii), não significa de forma alguma que as mulheres não tenham participado da guerrilha, não tenham se integrado à FMLN e, também, não participem do processo emigratório. As mulheres se envolveram sim nestes processos, mas de uma forma absolutamente específica, que nos exige uma atenção maior para entendermos, agora sim com mais propriedade, o próprio significado da Guerra Civil em El Salvador.

Durante os primeiros anos da guerra desapareceram quase todas as organizações de mulheres criadas na década anterior; a conjuntura exigia dedicar todos os recursos humanos ao combate e havia pouco tempo para apoiar as organizações gremiais. Sem embargo, passado o período de acumulação de forças militares e ante o inevitável prolongamento da guerra, emergiram grande quantidade de organismos: doze organizações de mulheres e três instâncias de coordenação inter-grupais vieram à luz entre 1982 e a ofensiva do FMLN em novembro de 1989 (VÁZQUEZ, IBÁÑEZ e MURGUIALDAY, 1996, p. 75-76).

Estas organizações tiveram as mais variadas funções dentro do processo revolucionário organizado pela FMLN. Em especial quatro delas – o Comitê Unitário de Mulheres (CUMS), a Associação de Mulheres Lil Milagro Ramírez, a Federação de Mulheres Salvadorenhas (FMS) e a Organização de Mulheres Salvadorenhas (ORMUSA) –

participaram ativamente, organizando mulheres para o trabalho na guerrilha e o suporte logístico ao FMLN. Um sem número de mulheres das comunidades, no entanto, envolveram-se no FMLN em tarefas de apoio: sanitaristas, nos correios, como mensageiras e decodificadoras de mensagens, brigadistas, cozinheiras, enfermeiras e representantes internacionais.

Por outra parte, a população civil que habitava as zonas controladas pelo FMLN estava integrada quase exclusivamente por mulheres, meninos, meninas e pessoas idosas. Em diversas análises, as organizações político-militares destacaram a importância da população civil como retaguarda da guerrilha, em um país que não apresenta condições geográficas adequadas para uma guerrilha do tipo guevarista. Diante do desafio estratégico de sobreviver e desenvolver-se em um território densamente povoado e sem montanhas, as limitações geográficas foram supridas pela população civil; no lugar de apartar-se da população, os guerrilheiros salvadorenos se serviram dela para obter alimentos, informação e segurança (VÁZQUEZ, IBÁÑEZ e MURGUIALDAY, 1996, p. 78).

Esta importância da participação feminina logo foi percebida pela FMLN, que passa a incluir com crescente destaque em seus textos e resoluções a crítica à dominação de sexo, ou seja, às relações opressoras de gênero. Este avanço, fundamental para o entendimento da participação feminina na guerrilha, não se estendeu, no entanto, às próprias relações de poder dentro da dirigência guerrilheira.

Os gráficos, portanto, dão uma indicação parcial do processo em sua dimensão sexual; são necessários para explicar a dinâmica das repercussões de Guerra Civil e emigração sobre a população de El Salvador, mas não suficientes. Neste sentido, o mergulho nas fontes jornalísticas, nos documentos e programas da FMLN, nos estudos e livros sobre a guerrilha, dão conta de, senão explicar integralmente, aproximar nossos olhos da participação específica das mulheres no processo guerrilheiro. O que estas fontes nos revelam é que, durante os anos da luta pela libertação nacional de El Salvador, o lugar da mulher era na revolução. A forma específica de sua vinculação ao processo revolucionário permitiu-lhes menor exposição às mortes e desaparecimentos levados a cabo pelo terrorismo de Estado.

Referências

- BAGÚ, Sérgio. *Economia de la Sociedad Colonial*. Buenos Aires: El Ateneo, 1949.
- BARAN, Paul. *A Economia Política do Desenvolvimento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.
- BARAN, P; SWEEZY, P. *Capitalismo Monopolista*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.
- CADERNOS DE TERCEIRO MUNDO*. Ano VII, N. 73, Dez. 1984.
- CALDWELL, J. C. Demography and Social Science. *Population Studies*, n. 50, p. 305-333, 1996.
- DEBRAY, Régis. *Revolução na Revolução*. São Paulo: Centro Editorial Latino-Americano,

197?.

GALLEGO, Marisa; EGGERS-BRASS, Teresa; LOZANO, Fernanda Gil. *Historia Latinoamericana 1700 – 2005: Sociedades, Culturas Procesos Políticos y Económicos*. Ituzaingó, Argentina: Editorial Maipue, 2006.

HARDY, F. *El Salvador: As trilhas do Desespero*. São Paulo: Editora Global, 1981.

HAUSER, P. M.; DUNCAN, O. D. *El Estudio de la población*. Santiago de Chile: CELADE, 1975. Vol. I, cap. 1 e 2.

MARINI, Ruy Mauro. *Dialética da Dependência*. Petrópolis: Editora Vozes/CLACSO, 2000.

MARX, K. *Elementos fundamentales para la crítica de la economía política: borrador 1857-1858*. México: Siglo Veinteuno, 1970.

Periódico El Gallo Ilustrado, Semanário El Dia, n. 1422 e 1442, México, DF, 1989.

PINTO, A. V. *El Pensamiento Crítico en Demografía*. Santiago de Chile: CELADE, 1973.

RAMOS, A. G. *La Sociología de la Mortalidad Infantil*. México, DF: Instituto de Investigaciones de la Universidad Nacional, 1955. Biblioteca de Ensayos Sociológicos.

SÁNCHEZ – ALBORNOZ, N. *La Población de América Latina, desde los tiempos precolombinos al año 2000*. Madrid: Alianza Editorial, 1977.

SUE – MONTGOMERY, T.; WADE, C. *A Revolução Salvadorenha*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002. Série Revoluções do Século 20.

VÁSQUEZ, N; IBÁÑEZ, C; MURGUIALDY, C. *Mujeres – Montaña: Vivencias de guerrilleras y colaboradoras del FMLN*. Madrid: Horas y Horas Editorial, 1996.